



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALTIR ANTÔNIO PERUZZO

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-692

Entrevistado: Altir Antônio Peruzzo

Nascimento: 20/05/1965

Local da entrevista: Residência do Entrevistado, Juína – MT

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 18/05/2016

Transcrição: Ian Ogawa

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Ivone Job e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 23 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória de Vida; Mandato na Prefeitura de Juína; Esporte e Lazer em Juína; Implementação de Praças nos bairros; Programa Esporte e Lazer na Cidade; Recebimento da proposta do Ministério do Esporte pela prefeitura de Juína; Diálogo entre Prefeitura e Ministério; Continuidade do Programa Esporte e Lazer na Cidade; Infraestrutura do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Palavras Finais.

Juína, 18 de maio de 2016. Entrevista com Altir Antonio Peruzzo a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Altir, muitíssimo obrigado pelo seu tempo, agradeço a disponibilidade. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre a sua história e como você chegou à prefeitura?

A.P. – Eu sou natural de Santa Catarina, filho de uma família de agricultores familiares, mas moro aqui em Mato Grosso há trinta anos. Tenho cinquenta anos de idade, mudei para cá com vinte. E desde o período em que eu morava em Santa Catarina, eu tinha envolvimento com os movimentos, sobretudo, da juventude católica. Chegando aqui dei continuidade a essas atividades do movimento social na agricultura familiar, sobretudo, ligado ao sindicato dos trabalhadores rurais e do movimento da juventude. Depois acabei me envolvendo na criação, na fundação do Partido dos Trabalhadores em 1988. Posteriormente, fui da direção municipal, fui vereador por dois mandatos, fui vice-prefeito e cheguei à prefeitura no mandato de 2002–2004. E nesse ano o então prefeito saiu para concorrer a deputado e eu assumi. Novo mandato em 2009–2012, o segundo mandato, e atualmente eu sou o primeiro suplente de deputado estadual no estado do Mato Grosso, já até assumi por alguns períodos. Continuo morando na cidade, inteirado de todas as atividades e participando do dia-a-dia da vida da cidade como um cidadão comum que gosta do esporte, que pratica esporte, jogo futebol até hoje, enfim, eu acho que é um pouco da minha história. Eu sou casado, minha esposa é assistente social concursada, tenho três filhos e muito embora ninguém da minha família tenha vindo de Santa Catarina, a minha esposa é daqui, então construí uma família aqui além da grande família que é a nossa cidade.

C.M – E como era o esporte e o lazer aqui em Juína?

A.P – Na verdade, por alguns fatores, sobretudo o fato de ser uma cidade longe dos grandes centros, nós estamos a setecentos e cinquenta quilômetros de Cuiabá que é a capital do estado. Na época sequer tinha uma estrada pavimentada que interligava a capital. Então por uma série de razões, as oportunidades de espaço de lazer, de entretenimento, se aproveitava do que tinha aqui. O povo não tinha muito a tradição de viajar, de sair, de

buscar outros espaços. Então sempre foi necessário, ao longo da história, se ter criatividade. Antes de eu assumir a prefeitura, por conta do prefeito anterior, o hoje deputado federal Ságuas Moraes, já tinha... No primeiro mandato, depois no segundo, quando era o vice, um trabalho de implementação de praças em todos os bairros das cidade, coisa que antes não existia. Existiam os espaços que foram deixados na época do projeto de criação, do projeto Juína, que foi um projeto estatal. Ficaram os espaços para serem utilizados como espaços públicos... Porém, não houve a implantação. Nesse período, foram criados espaços, praças, todas elas com quadra de areia, ou quadra de futsal, ou para vôlei, ou basquete, ou futebol de areia, futebol suíço, enfim, foram implementadas as praças em todos os bairros com alguns espaços para prática de algumas atividades de esporte e lazer. Com a chegada da proposta do Programa Esporte e Lazer na Cidade, o que valeu, foi nos permitir que se pegasse esses espaços já existentes mais a pré-disposição, pela visão que a gente tinha, pela importância que isso tem na vida das pessoas, então permitia que a gente tivesse pessoas para trabalharem. Tinham, inclusive, motivadores que era o caso da própria alimentação da periferia de alguns lugares que acaba sendo um instrumento motivador também para que crianças... Quando se fala em crianças e adolescentes de família de baixa renda é a presença constante permanente ali dos monitores, dos coordenadores e com as atividades que eram levadas e os instrumentos para as práticas, os equipamentos, os materiais em si. Então tudo isso fez com que pudesse ter essa oportunidade com acompanhamento, com conhecimento e acabou tendo um papel extremamente importante na vida de muitas pessoas, na história de muitas pessoas e do próprio município. Foi apenas uma etapa, um período, mas somado com o esforço que já se tinha, por vários anos, várias oportunidades. Juína foi destaque em várias modalidades, por exemplo, esportivas, atividades culturais aqui na região, no estado do Mato Grosso, representamos o estado em várias modalidades, em várias situações. As peças, as pessoas, elas vinham de atividades realizadas nos bairros, com as escolinhas, com os grupos de trabalho e que, nesse período, no Programa de Esporte e Lazer, elas foram potencializadas, fortalecidas. Esses talentos foram buscados e depois apresentou reflexos na continuidade em anos seguintes.

C.M. – E como vocês receberam a proposta do Ministério do Esporte?

A.P. – Primeiro com uma certa desconfiança. Até onde aquilo que era proposto se concretizaria, em primeiro lugar? Se isso seria concretizado, quando a gente tomou conhecimento, foi para que pudéssemos ser um dentre os municípios do centro-oeste. Acabou sendo o único a assumir, se não me falha a memória, do centro-oeste. Então com uma certa dúvida, porque o problema é você começar um programa, selecionar o pessoal, criar toda uma expectativa, uma perspectiva e depois disso não acontecer, ou acontecer pela metade, então a primeira preocupação foi essa. A segunda preocupação era também no sentido de ter formas de dar continuidade, visto que o programa tinha como propósito que gradativamente as localidades e os municípios fossem assumindo posteriormente, ao longo do tempo, o papel de financiador, sobretudo, das atividades contínuas do dia-a-dia. Porém com muito entusiasmo, tendo em vista que existia a concepção da administração, da importância disso, tinha essa necessidade, pela dificuldade de espaços, de oportunidades, de práticas de esporte e lazer, e tinha um público alvo. Então assim, foi tudo isso recebido com muito entusiasmo e não tenho dúvidas que foi um período extremamente importante, efervescente, da questão do esporte e lazer. Sobretudo, porque, além de atingir a cidade como um todo, ele atingia as diversas faixas etárias, da criança até o povo da melhor idade, de ambos os sexos. Então, houve uma mobilização, digamos assim, de toda uma sociedade.

C.M. – E você lembra de ir ou o pessoal do Ministério vir para cá?

A.P. – Eu estive no Ministério algumas vezes, inclusive, na assinatura da proposta. Eles estiveram aqui para acompanhar, para monitorar, não saberia dizer quantas vezes, mas havia sim uma interlocução entre o município e o Ministério naquele período. Então, eu acho que foi um processo que teve o devido acompanhamento. O que eu acho que aconteceu é que a transferência da responsabilidade, sobretudo, financeira para os municípios foi algo muito rápido, até porque é uma proposta que tem que ser amadurecida, primeiro você tem que fazer com que a população como um todo tome gosto, tome consciência, até mesmo para que ela resista a uma administração que depois, porventura, não dê importância a isto. Para que ela cobre, para que ela exija. Aqui houve, por exemplo, essa situação, ao final, aliás, a conclusão, inclusive, do convênio, se deu já na outra gestão, e com uma visão diferente, que acabou com tudo aquilo que se tinha e não prosseguiu, não teve continuidade, porque também não havia um empoderamento, digamos assim, da população sobre a importância disso, de se organizar para cobrar, para exigir que o poder

público desse continuidade, se não na sua totalidade, mas ao menos naquelas atividades de maior adesão, que melhor apresentava, digamos assim, a demanda que se tinha aqui.

C.M. – Em relação à estrutura, eu vi que algumas coisas foram construídas. Como foi este acordo?

A.P. – O programa previa recursos para o trabalho de campo e tinha também recursos que foram disponibilizados, eu não lembro direito, mas me parece que não foram todos os dez municípios que tiverem recursos para a infraestrutura, teve aqueles que se classificaram no processo de seleção. O nosso caso, se não me falha a memória, foi em torno de duzentos mil reais e a gente teve um período muito curto para definir rapidamente o que fazer com isso. Ainda lembro que aqui foi uma pista de caminhada, uma de skate para a criançada, um bar aqui, teve o banheiro, umas salas que foram e até hoje são utilizadas para práticas de *judô*, *karatê*, capoeira, próximo ao ginásio de esportes na quadra coberta, quadra de areia, quer dizer, tem um espaço, tem alguns espaços para as práticas. E aí definimos o que fazer, foi feito, é utilizado, posso dizer que quase na sua totalidade, é utilizado até hoje. É uma estrutura que desde então vem sendo utilizado constantemente, ou seja, o que foi construído não virou elefante branco, de fato está sendo ali utilizado quase na sua totalidade. Acho que tem uma situação em que não é utilizada, teve mais uma junto ao centro de convivência da terceira idade que também aconteceu com uma cancha de bocha, acho que alguma coisa para o carnaval, enfim.

C.M. – Para você, qual foi o impacto para a comunidade de Juína esse projeto ter vindo para cá?

A.P. – Eu acho que o impacto foi um pouco daquilo que eu já falei. Nós tivemos uma efervescência ali da participação, digamos assim, das pessoas nas atividades. Isso resultou em inúmeros avanços, até de qualidade mesmo, nas competições, nos jogos escolares, nos jogos regionais, seja de estudantes, sejam jogos de atletas, jogos de terceira idade. Isso não só naquele ano, mas nos anos seguintes. Nós tivemos situações de dez, doze competições que se disputava, Juína ficava com a regional aqui, seis, oito medalhas de ouro e o que tinha, era o reflexo daquele trabalho já feito e que depois foi continuando dentro das escolas, posteriormente nós retornamos a prefeitura em 2009 e se retomou pela própria

prefeitura as escolinhas em cada bairro, os grupos de trabalho, lógico numa... Num número bem menor de participantes, sem poder oferecer alimentação, algumas coisas que, quando do programa eram oferecidos, mas teve esse reflexo. Por outro lado, temos hoje por exemplo, um grupo da terceira idade acima dos cinquenta anos com mais de quarenta pessoas que saem três vezes por semana para jogar futsal e nós tínhamos na época, quem trabalhava com essas pessoas, muitos já se foram, mas outros estão começando e continua o grupo assim até hoje. Então além da pista de caminhada, acho que hoje é uma realidade do Brasil inteiro, mas a gente tem no final da tarde um contingente muito grande de pessoas que estão ali, utilizam. *Judô*, capoeira, *jiu-jitsu*, atividades que estão presentes até hoje no município, utilizam as salas. Enfim, acredito que se não tivesse o programa, talvez várias dessas atividades não estivessem acontecendo até hoje porque ele foi o início em alguns casos. Em outros casos fermentou algo que estava bastante incipiente e que, a partir de então, ganhou a adesão de mais pessoas e prossegue até hoje.

C.M – Tem mais alguma coisa que você queira registrar sobre o Programa, sobre caracterizar melhor a cidade?

A.P – Eu acho com relação ao Programa, é importante dizer: primeiro, um programa dessa envergadura só consegue ter bons resultados se houver do ponto de vista da administração local que pode ser a prefeitura, pode ser outra instituição, se houver vontade política, sinergia no pensamento da importância dessas atividades. Por outro lado, talvez o programa, eu temo que tenha começado oferecendo muito e não sendo sustentável. Talvez ele pudesse atender a um volume menor de pessoas em cada localidade e ter uma continuidade por um tempo maior para que, como eu falei antes, pudesse com o tempo, os municípios, de alguma forma passar a se apoderar daquilo e sentir-se dono do programa e poder exigir depois... Ter forças para exigir dos gestores locais a continuidade quando a retirada, digamos assim, do aporte do Ministério. Por outro lado, o que a gente sentiu e percebeu na época é que não houve uma adesão, um assumir por parte da esfera estadual, na época não teve qualquer participação do estado e o programa em si, nem lembro, mas parece que ele nem previa a participação do Estado. E isso também é muito ruim, até porque tem uma série de atividades que são feitas, por mais que se pense no esporte e no lazer como atividade de entretenimento, de consumo da população, não como fator de disputa, porque não são jogos de alto rendimento, mas sempre esse outro componente é um

motivador. E você tem as competições que são feitas em nível regional, de Estado, jogos abertos, jogos estudantis, e outras coisas mais. Então eu acho que teria que ter sim uma interação, uma participação dos governos estaduais nessa situação. Se algum dia alguém pensar em reeditar tem que pensar desta forma.

C.M – Então, sobre a cidade, tem alguma coisa que você gostaria de deixar registrado? Como Juína se caracteriza enquanto cidade?

A.P – Juína é uma cidade, a exemplo de outras tantas aqui da Amazônia, é uma cidade de uma colonização recente, tem apenas trinta e quatro anos de emancipação, tem uma diversidade cultural grande, tendo em vista que a colonização se deu por pessoas vindas dos mais diferentes estados, com predominância dos estados do sul, porém em muitos casos, mesmo tendo vindo do sul, sobretudo do Paraná, são famílias que seus antepassados eram nordestinos, então já estão em um segundo processo de imigração. Uma coisa muito comum é você ter aqui famílias em que são pessoas... O casal é nordestino e os filhos são nascidos no Paraná. Minha esposa, por exemplo, é paranaense, porém o pai é baiano e a mãe é pernambucana. Então, tem uma característica muito forte da composição da nossa população, além daqueles que vieram direto do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, ou de Goiás, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e alguns da Amazônia, tendo em vista que aqui teve um período de forte atividade garimpeira, de gente do Pará. Assim, há uma diversidade grande, são cerca de quarenta mil habitantes. Tem uma situação ainda um tanto quanto indefinida, em fase de construção, de qual a sua vocação do ponto de vista econômico, porque, assim como as demais cidades de colonização recente aqui da Amazônia, o primeiro processo é a exploração dos recursos naturais que é a madeira, no caso aqui é a madeira e o diamante, o garimpo e o diamante, e que gradativamente com o esgotamento, tem que ir buscando outras atividades. Há uma tendência, uma expressão grande da economia que é voltada à criação de gado, sobretudo, do gado de corte, no entanto tem um grande contingente de pequenas propriedades... Da região noroeste, uma região que é composta por oito municípios com uma população de cento e cinquenta mil habitantes na sua totalidade. O problema da cidade-polo agrega aqui o comércio e o serviço. Aqui tem o Instituto Federal de Ensino com quatro cursos superiores, dois cursos de tecnólogo, mais cinco cursos técnicos. Tem uma faculdade particular com dez cursos, além de cursos de extensão da Universidade Estadual do Mato Grosso, da Universidade

Federal e o polo de vários serviços do estado, são os polos na área de saúde, de segurança, da educação. Então ele congrega as população desse contexto e isso também faz com que aqui seja o maior centro comercial desses oito municípios. Além das atividades da pecuária, da agricultura familiar e ainda um pouco da atividade extrativista, da madeira e do garimpo, tem bastante força aqui o comércio e serviços, exatamente em função da condição de cidade–polo, tanto do ponto de vista geográfico, quanto do ponto de vista da cidade com maior população.

C.M. – Ok, Em nome do Centro de Memória do Esporte: Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]